

BREVES CONSIDERAÇÕES sobre temas pedagógicos

por MANUEL FILIPE

Toda a educação cultural deve tender a proporcionar ao aluno, não só um maior ou menor número de conhecimentos, mas também um máximo de possibilidades de prazer pelo estudo e pela leitura. O homem que não sabe ler ou que não tem gosto literário encontra-se privado de um dos mais abundantes mananciais de prazer que a civilização concedeu à humanidade. A literatura é, pois, uma das principais disciplinas para a educação da juventude.

Eis o que se não tem feito nas nossas escolas. Ensina-se a criança a desenhar, a tocar qualquer instrumento musical, a cantar, etc. Não somos contra o ensino dessas disciplinas. Pelo contrário: somos até seus fervorosos partidários, na medida em que as crianças demonstrem aptidões para essas técnicas. Mas, assim como se deve formar a criança para a compreensão e o gosto da pintura, da escultura, da música e do teatro, assim também se deveria ensinar-lhe a compreender a literatura e a apreciar os seus deleites. O que se verifica é o sacrifício quasi total de certas artes—pois figuram nos programas com tais limitações que mais não são do que simples técnicas que os meninos devem aprender,—o que muito tem prejudicado a educação cultural.

Citámos o exemplo da literatura por ser esse o mais flagrante entre nós. Não pretendemos, evidentemente, que se consagrem cursos completos de literatura para ensinar a escrever. Mas lembramos que a consideração que se tem pelas outras artes—excepto o caso em que as deixamos completamente ignoradas como, infelizmente, acontece muitas vezes,—se deve ter também por esses cursos elementares.

E' bom não esquecer, porém, que a escolha das disciplinas que devem estar compreendidas na secção cultural da criança depende, de certo modo, das aptidões da própria criança. As personalidades diferem: o que para um espírito é causa de prazer, para outro pode ser causa de desgosto e, muitas vezes até, de verdadeira tragédia.

E' nesse momento que nos surge o problema da finalidade da educação. A educação deve tender a formar na criança o gosto por toda a disciplina cultural; deve criar gostos tão numerosos e variados quanto seja possível. Mas é necessário ter sempre em conta a inclinação parti-

cular da criança, que não se deve violentar. A realidade diz-nos que não é sempre possível, nem talvez desejável, criar um gosto determinado num espírito determinado. Nada de ideias pre-concebidas. O primeiro exame que se deve fazer—sob pena de cairmos na prática de verdadeiros crimes—é o exame psicológico da criança. Lembremo-nos de que a criança tem uma personalidade que é preciso respeitar. As inclinações são tantas quantas as espécies da actividade humana. E são elas que devem constituir a base de toda a educação.

Não pretendemos aqui traçar a lista das disciplinas que têm um valor cultural, pois isso seria traçar a lista de todas as disciplinas compreendidas ou susceptíveis de estar compreendidas nos programas. Deixemos isso para os técnicos no assunto, embora não nos seja difícil reconhecer que, por intermédio de qualquer delas, se poderá alcançar o fim desejado. O nosso objectivo consiste muito simplesmente em mostrar que não é a disciplina em si mesma que determina se ela tem ou não valor cultural, mas sim o gosto do aluno e o fim para o qual se ensina cada uma dessas disciplinas: proporcionar ao aluno o máximo de possibilidades de prazer, de forma a que a sua vida possa enriquecer-se cada vez mais.

Eis aí o fim da educação literária.

Um outro problema de grande actualidade é a educação profissional.

Dentro desta educação, podemos ainda distinguir duas finalidades: a formação do trabalhador e a formação do cidadão. Quanto à primeira finalidade, desnecessário se torna encarecer aqui a importância do elemento profissional da educação, pois éle tende a fazer do aluno um membro útil da comunidade a que pertence. O seu fim corresponde, directamente, à felicidade da comunidade e indirectamente, à felicidade do indivíduo na medida em que é membro dessa comunidade.

Como primeira premissa, há que aspirar a fazer do aluno um trabalhador capaz, criador de valor para o bem-estar geral. Tal é a missão que o educando será chamado a exercer após a saída da escola. Não nos referimos, evidentemente, à pseudo-educação dos meninos destinados a uma vida de bem-estar inútil,

devido ao facto de seus pais pertencerem à classe proprietária criada pelo regime capitalista. Cremos bem que a existência dum classe parásita não deve ser, mais tarde ou mais cedo, tolerada pela humanidade, e deixará de sê-lo—e aqui está ao que queremos chegar—na medida em que a educação vá realizando os seus fins.

A necessidade de trabalhadores capazes, e, sobretudo, de trabalhadores especializados, faz-se sentir cada vez mais. Por isso, a escola técnica moderna ocupa um lugar primordial. Todos os Estados—referimo-nos, sobretudo, aos países industriais—lhe dedicam as suas melhores atenções. Podemos mesmo dizer que, em relação à generalidade dos outros tipos escolares e dentro dos seus limites especiais, da sua missão peculiar e das condições do meio, tem realizado consideráveis progressos. E cremos que no futuro a sua acção será ainda mais eficaz.

Não devemos, porém, esquecer que a educação técnica é ainda hoje reservada simplesmente a certa classe de alunos, quando, na verdade, no seu mais amplo sentido, isto é, considerada como formação na técnica dum arte ou dum officio útil, ela deve chegar a ser universal. Só assim poderemos conceber que a educação realize completamente o seu fim.

Toda a criança, a-par da educação cultural, deveria, conforme a sua aptidão particular, aprender uma arte ou um officio. Mais ainda: essa arte ou esse officio devem basear-se sempre nos mais recentes princípios científicos que servem de base à prática, ministrados por uma forma atraente e compreensiva.

Despertar na criança o amor pelo trabalho, fazer-lhe ver que a ociosidade é um dos piores vícios do homem, ministrar-lhe os princípios indispensáveis pelos quais ella poderá dominar-se, ser forte, ser mestre, chegar a ser um trabalhador qualificado e produtivo, pondo no seu trabalho a alegria e o entusiasmo, não somente para ganhar a vida, mas também para servir os outros e enriquecer o mundo com o produto das suas mãos—tal deverá ser o fim da verdadeira educação profissional.

Mas se, por um lado, a educação profissional aspira a fazer do aluno um trabalhador criador de valores para o bem-estar geral, por outro

lado, deve procurar-se fazer d'ele um cidadão útil, digno do seu tempo.

Quanto a este segundo problema—que poderemos denominar da «educação social»—as condições actuais são completamente diferentes das que imperam no campo da educação técnica. A educação social exige que a criança conheça a evolução da sociedade moderna e das suas classes sociais e compreenda a função extraordinariamente importante que nella desempenham os factores económicos. Além disso, torna-se indispensável inculcar-lhe a atitude objectiva que deverá sempre tomar perante as coisas, de tal modo que ella esteja em condições de considerar a sociedade em que se encontra tal como ella na realidade é. Tudo isto a criança pode aprender. E' uma questão de o saber ensinar.

Não desconhecemos as dificuldades desta tarefa, se atendermos, sobretudo, às actuais condições em que ella tem de realizar-se. Mas não diremos que ella seja impossível.

Uma educação deste género teria por resultado fazer de cada aluno um trabalhador competente e honrado e, sobretudo, um elemento social, isto é, um homem consciente da sua condição humana. A ignorância da generalidade das massas em matéria de ciência social e económica só pode contribuir para a desvalorização das personalidades e para a sua maior escravidão.

Na maior parte dos países, a economia política e a sociologia, fora dos cursos das Universidades, só excepcionalmente figuram nos programas escolares. (Em alguns países até nem nessas escolas existem). Quando a verdade é que da difusão do ensino dessas ciências grandes proveitos se poderiam tirar. Uma coisa semelhante se dá com o ensino da História. O ensino desta disciplina, dum alta importância na formação dos caracteres e na vida dos povos, não passa, ordinariamente, dum montão de acontecimentos pretéritos, dirigidos exclusivamente à memória, pintados com cores adequadas para que o aluno exagere a importância do país a que pertence e para que acelte o *statu quo*. não só como um facto normal e inevitável, mas, sobretudo, como desejável. O que se tem feito, muitas vezes, desse ensino é uma autêntica monstruosidade.

(continua na pág. dez)